

# Nos labirintos do discurso: agendamento e procedimentos de exclusão nos títulos da *Folha*, *Globo* e *Estadão*

INSIDE THE LABYRINTH OF DISCOURSES: AGENDA-SETTING AND PROCEDURES  
OF EXCLUSION IN *FOLHA*, *GLOBO* E *ESTADÃO*

*Adriano Lopes Gomes*

Professor doutor do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do  
Rio Grande do Norte.  
E-mail: adrianoufrn@gmail.com

*João Victor Costa Torres*

Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade  
Federal do Rio Grande do Norte.  
E-mail: joaovictorct@gmail.com

Recebido em 6 de abril de 2016. Aprovado em 1 de dezembro de 2016.

## Resumo

O presente artigo ensejou examinar o título das matérias que ocuparam o espaço central dos sítios eletrônicos de *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *Estadão* no período de 14 a 21 de maio de 2015. Para isso, a metodologia ambicionou um diálogo entre a teoria de *agenda-setting*, os procedimentos de exclusão acionados por Foucault e a análise do discurso. Caracterizados pela semelhança abissal e por tímida heterogeneidade, o agendamento desses enunciados evidenciou uma preferência pelo eixo político, apresentando viés desfavorável ao governo de Dilma Rousseff.

**Palavras-chave:** Mídia. Poder. Agendamento. Discurso. Exclusão.

## Abstract

The present article had the purpose of examining the titles of electronic headlines from the newspapers *O Globo*, *Folha de São Paulo* and *Estadão*, from May 14th to 21th of 2015. For this, the methodology aimed a dialogue between agenda-setting theory, Foucault driven procedures of exclusion, and discourse analysis. Characterized by abyssal similarity and timid heterogeneity, the agenda-setting of these statements evidenced a preference for political axis and an unfavorable position towards the government of Dilma Rousseff.

**Keywords:** Media. Power. Agenda-setting. Discourse. Elimination.

## Introdução

Independentemente de sua natureza, em toda sociedade, a produção de discursividade é, sobremaneira, alvo de procedimentos e mecanismos de modelagem e enquadramento. Controle, seleção, distribuição, organização, redistribuição, rarefação e repetição são exemplos visíveis de uma condução que parece estar na fisiologia de toda e qualquer produção discursiva. Tal materialidade é, desse modo, uma síntese, uma construção social e histórica que tem por finalidade controlar o acaso, o inesperado, a revolta, a fatalidade e a espontaneidade no que diz respeito à livre circulação das enunciações. A finalidade desse tensionamento é sempre a de manter ou exercitar um poder.

Tendo em vista tal engrenagem, a mídia aparece nesse jogo, não como a única e suficiente máquina de produzir discursos, mas como uma unidade, uma peça-chave dentro de um ecossistema que engloba instituições como a política, a economia, a religião, sem levarmos em conta os segmentos aparentemente neutros, isto é, as escolas e as universidades.

A realidade complexa e plural na qual as enunciações são produzidas certamente precisa ser analisada em seus pormenores. Este artigo tem o objetivo de cruzar os procedimentos de exclusão apontados por Foucault (2011) em sua ordem do discurso, com a teoria midiática de *agenda-setting* proposta por McCombs e Shaw (apud TRAQUINA, 2001). A ideia é aplicar as duas proposições ao título das notícias que ocuparam o lugar central dos sites *O Globo*, *Folha de São Paulo* e *Estadão* no período de 14 a 21 de maio do ano de 2015.

## Metodologia

Não é de estranhar que certos assuntos invadam as conversas quotidianas de maneira absoluta. Tais temas, que podem ser interpretados como coincidências, frequentemente se combinam com a representação da contenda na telenovela, com a verdade do periódico e com as afirmações “verídicas” do telejornal. Por outro lado, outros tópicos são obliterados. Eles são ignorados porque toda escolha é caracterizada pelo que retém, mas também por tudo aquilo de que se abre mão. Suzane von Richthofen, mensalão, Impeachment, Onze de Setembro, maníaco do parque, guerra do Golfo, holocausto, Fernandinho Beira-Mar – como justificar tais lembranças? Como essas memórias se impõem frente ao esquecimento?

Para dar conta do desafio, a proposta metodológica deste artigo se resumiu na pesquisa bibliográfica e na aplicabilidade do diálogo epistêmico que envolve as contribuições

de Foucault (2011) – no que toca aos procedimentos de exclusão, aplicados e cabíveis às visões mais gerais – com a teoria midiática do agendamento (*agenda-setting*), circunscrita ao campo da comunicação. Nosso estudo ousou confrontar as duas perspectivas, seja separadamente ou de forma combinada, com o corpus desta análise. De certa forma, pretendemos, com isso, legitimar a sintonia e a equalização daqueles pressupostos analíticos (Ibid.) com o filtro midiático que distribui, de acordo com certos critérios, enunciados de diferentes naturezas.

O exame se justificou na necessidade de saber como a produção dos enunciados, articulados com o jogo de poder, são regulados, rareados, sustentados e transformados em verdade(s). Com efeito, este exame se inscreveu no plano das práticas discursivas, mais especificamente, na área da linguística aplicada. Nossos escritos, inexoravelmente, estão situados dentro de uma abordagem qualitativa interpretativista.

## Referencial teórico

### *A mídia como unidade do dispositivo: um pressentimento de Foucault*

A relação de causa e efeito, no que diz respeito ao determinismo dos fenômenos e dos acontecimentos, está em crise. Nada pode ser visto mais como reflexo de um único dado, como desdobramento de um gatilho exclusivo, como pretendeu um dia a teoria hipodérmica. O pensamento e as coisas estão inclusos em uma cadeia não reducionista, complexa, emaranhada, e podem ser caracterizados pela noção de rede. Essa cadeia engloba o passado com toda a sua história e memória e se articula com o presente, na noção de acontecimento. No novo, encontramos uma discursividade plural, como preconizou Foucault (2012b) para salientar o que entendeu por “dispositivo”:

Através deste termo tento demarcar, em primeiro lugar, um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (p. 364).

O conceito é, dessa maneira, uma espécie de sinonímia da noção de rede, um espaço em que se desenvolve o tensionamento de determinadas forças, representadas por meio dos enunciados e das grandes estruturas visíveis. É nesse jogo que se encontra a mídia. Uma instância que funciona por meio de duas lógicas, sendo a primeira de natureza econômica, já que é empresa e visa o lucro; e a segunda, de caráter simbólico, uma vez

que está envolvida nas trocas e na (re)construção das representações, dos valores e das verdades que guiam e organizam a vida cotidiana.

Assim, a mídia atua no agenciamento, dentro do arranjo, se conectando com outros elementos do dispositivo em um dado momento histórico, sempre com a função de responder a uma emergência. Ela tem, portanto, uma função estratégica, tática e dominante. Talvez a relevância dada a essa “unidade” do dispositivo esteja associada à sua força de disseminação de discursos a partir da construção semiótica da realidade. A mídia tanto produz discursividade específica como tem a faceta de trabalhar em cima da voz de outras instituições que compõem o dispositivo: como já mencionado, a economia, a religião, a ciência e a educação. Dessa forma, na produção de sentidos, a sua função é, sobretudo, redobrada, já que é do seu feitio produzir, reproduzir ou mesmo ignorar com amplidão os fenômenos sociais.

Com efeito, estudar o corpus que repousa e habita nas dimensões auditivas, visuais, escritas ou digitais, é compreender, antes de tudo, que essas sínteses estão sempre articuladas dentro de uma organização que, antes de serem estáticas, são mutantes. Isso porque elas obedecem certas regras de combinação e articulação no interior dos meios de comunicação e fora deles. Destarte, compreender a mídia é atentar para sua vizinhança, para as superfícies de contato, ou seja, para as relações de força que “sustentam certos tipos de saberes e são sustentadas por eles” (FOUCAULT, 2012b, p. 367).

### **Produção das formas: a agenda-setting**

O mundo em si é destituído de significados. É somente, pois, por meio do signo em sua utilização que as formas ganham valor, qualidades e atributos. Nietzsche (2012, p. 99) nos dizia que “não há fenômenos morais, o que há são interpretações morais dos fenômenos”. Sendo assim, qualquer produção semiótica ou discursiva é uma tentativa de apresentar novamente uma impressão. Tendo em vista essa máxima, o que seria a informação?

Informar significa dar forma, oferecer um contorno a alguma coisa. Charaudeau (2010) assevera que o processo de informação é composto por duas fases distintas. Na primeira, “o mundo a comentar” é transformado; o “nada”, preenchido pelo sentido. Essa mudança de estatuto é estabelecida por mecanismos de qualificação, nomenclatura, narrativa, argumento, modalização e explicação, que são produzidos graças à linguagem e ao seu fluxo interacional. Feito isso, o sujeito passa a dispor de um conjunto de signos acionado e fundido com um objetivo. A finalidade do uso, o adicional dessa fase, é definida pelo seu contexto que varia em função do interesse, dos efeitos que se pretendem produzir e da relação que se aspira instaurar, entre outros pontos. A essa segunda etapa, o autor denominou “transação”.

Como podemos ver, longe da ingenuidade ou da espontaneidade, o processo duplo beira a artificialidade, como em uma construção, peça a peça. A mídia se encontra, desse modo, no entremeio, em uma intersecção compacta, dividida entre a transformação e a transação. O resultado dessa mecânica é a produção, a circulação, o reforço e também a rarefação dos significados “eleitos” no próprio cotidiano.

Cohen (apud TRAQUINA, 2001) já havia realçado que a imprensa não seria imperativa ao ponto de determinar *como* os sujeitos deveriam pensar. Todavia, ela seria triunfante na capacidade de dizer *sobre* o que o seu público pensaria. A ideia, calcada no cardápio de assuntos (supostamente) presente na memória da instância de recepção, serviu como estímulo para o estudo de McCombs e Shaw (Ibid.) na conceituação do termo “*agenda-setting*”.

A expressão está associada à lembrança e ao esquecimento. O público oblitera ou prefere, realça ou é indiferente a certas verdades, a elementos particulares da esfera pública em função do que é veiculado na mídia. O agendamento seria determinante no *como* os sujeitos compreendem, comentam e se envolvem com a realidade, que depende “do mapa que lhes é desenhado pelos redatores, editores e diretores do jornal que leem” (COHEN apud TRAQUINA, 2001, p. 19).

A engrenagem (ou o filtro) que sintetiza o produto informativo passa por algumas peneiras que poderiam ser um suplemento à teoria de Charaudeau (2010), especialmente na segunda etapa. As diretrizes fornecidas pela pauta jornalística (intencional ou ocasional), por exemplo, dão a dimensão perspectiva de uma determinada visão de mundo, evidentemente visando certos efeitos de sentido, assim como qualquer outra prática enunciativa.

A ideia de *valor-notícia* também se apresenta como etapa dessa filtragem, pois muito embora existam certos critérios como amplitude, frequência, negatividade e surpresa para construir a informação, é o selecionador (*gatekeeper*) quem define o que é e o que não é notícia. É claro que essa decisão não depende exclusivamente de uma pessoa; o voto de Minerva que aprova e desaprova as pautas está atrelado certamente a um feixe de poderes, isto é, a um composto de forças que apontam sempre para uma certa angulação, um determinado ponto.

### **No forno da agenda-setting: os procedimentos de exclusão**

Na contramão dos estudos de Lazarsfeld<sup>1</sup>, a teoria do agendamento pode ser elucidada dentro de uma relação de intensidades, já que aponta para uma engenharia, uma

1 Referência ao *Mass communication research*.

tática de planos combinados e criados para fabricar disposições no público em geral. Foucault (2012a, p. 369) nos dizia que o poder só pode ser compreendido dentro de “um feixe de relações mais ou menos organizado, mais ou menos piramidalizado, mais ou menos coordenado”, isto é, a partir de relações microfísicas que se configuram frente a um local, a um assunto e a um contexto específico. Ele classifica:

Jogo de três tipos de interditos que se cruzam, que se reforçam ou que se compensam, formando uma grade complexa que está sempre a modificar-se. Basta-me referir que, nos dias que correm, as regiões onde a grade mais se aperta, onde os quadrados negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política (FOUCAULT, 2011, p. 9).

A interdição, dessa maneira, seria o primeiro mecanismo de exclusão para que se possa visualizar como um certo tipo de discurso se impõe frente aos demais. No caso deste artigo, caber-nos-ia perguntar: por que um dado título foi posicionado no espaço da matéria central de um determinado periódico, e não um outro em seu lugar? Quais as chances de a matéria em questão ser visualizada, discutida e incorporada pelo público em questão e ser interpretada como um tema relevante e oportuno?

Dentro do jogo de avivamento e rarefação da informação, um segundo procedimento também estaria atrelado ao fluxo de forças. Trata-se, pois, da rejeição. O termo faz referência à fronteira assimétrica que divide as visões dicotômicas da cultura. O lúcido e o equivocado, a razão e a loucura, o discurso da burguesia e o da plebe, a voz do sofista e do filósofo, os enunciados do sagrado e do profano, as ideias da esquerda e da direita ou do hegemônico e do marginal ilustrariam essa segunda esfera. Referindo-se à linha que separou e elegeu a razão como pensamento qualificado, Foucault (2011, p. 12) nos diz:

Mas uma tamanha atenção não prova que a antiga partilha (razão/loucura) não se exerça ainda; basta pensar em toda a armadura de saber por intermédio da qual nós deciframos essas palavras; basta pensar na rede de instituições que permite a qualquer um escutar essa palavra [...] basta pensar em tudo isso para suspeitar que a partilha, longe de se ter apagado, se exerce de outra maneira, através de linhas diferentes, por intermédio de novas instituições e com efeitos que não são já os mesmos.

Entendemos que a rejeição trabalharia na esfera da indiferença, como se certos temas pudessem ser secundarizados por uma justificativa natural e evidente. Podemos dizer que tal procedimento trabalha em parceria com a vontade de verdade, apontada pelo historiador da sexualidade como uma vontade que só ganha o estatuto de verdadeiro por estar alicerçada e protegida pela sombra de uma instituição sólida. Igualmente, sua

função é prevalecer sobre outras formas de conhecer, sobre outros modos de agir, sobre outras visões de mundo. Se realmente estivermos certos, os procedimentos expostos não podem ser estudados e aplicados isoladamente, já que se completam e muitas vezes coexistem em uma determinada mecânica discursiva. O seu ponto de convergência é denunciado dessa maneira na função pivô, isto é, a de excluir:

Ora esta vontade de verdade, tal como os outros sistemas de exclusão, apoia-se numa base institucional: ela é ao mesmo tempo reforçada e reconduzida por toda uma espessura de práticas como a pedagogia, claro, o sistema dos livros, da edição, das bibliotecas, as sociedades de sábios outrora, os laboratórios hoje (FOUCAULT, 2011, p. 17).

Pouco reducionista, a teorização de Foucault (2012a) extrapola a esfera da mídia, mas jamais a exclui. O jogo ambíguo do segredo e da divulgação foi reconhecido pelo pensador em questão, quando ele nos alerta: “não nos enganemos; mesmo na ordem do discurso verdadeiro, mesmo na ordem do discurso publicado e liberto de todo o ritual, exercem-se ainda formas de apropriação do segredo e de não-intermutabilidade” (p. 40). Ora, a astúcia que separa o dito e o não dito, o oculto e o visível, o estranho e o reconhecível é sobremaneira importante para reconhecer a relevância da *agenda-setting* e as suas consequências. Com efeito, é o eclipse ou a claridade promovidas pela mídia que realçarão a ação ou a apatia de um público específico.

No próximo ponto, ousaremos interpretar os títulos dos jornais *O Globo*, *Estadão* e *Folha de São Paulo* com o intuito de aplicar os procedimentos de exclusão a partir do resgate de alguns interdiscursos, isto é, da memória e das condições de produção dos enunciados escolhidos. Gostaríamos de mostrar com isso que:

Os “discursos”, tais como podemos ouvi-los, tais como podemos lê-los sob a forma de texto, não são, como se poderia esperar, um puro e simples entrecruzamento de coisas e de palavras: trama obscura das coisas, cadeia manifesta, visível e colorida das palavras [...] gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. Essas regras definem não a existência muda de uma realidade, não o uso canônico de um vocabulário, mas o regime dos objetos” (FOUCAULT, 2012a, p. 59-60).

A ideia é compreender como as forças que compõem o dispositivo produzem o discurso do verdadeiro dentro da teoria do agendamento midiático para saber “o que há assim de tão perigoso para as pessoas falarem, qual o perigo dos discursos se multiplicarem indefinidamente? Onde é que está o perigo?” (FOUCAULT, 2011, p. 8).

## Análises

### O desejo de poder: uma grade composta por O Globo, Estadão e Folha de São Paulo

O quadro abaixo organizou as notícias publicadas pelos três periódicos que compõem o corpus deste exame, no tempo de uma semana. O recorte privilegiou o título das matérias que ocuparam o espaço central dos impressos on-line entre meio-dia (12h) e 18h. Vejamos:

PERIÓDICOS/DIAS	O GLOBO	FOLHA DE SÃO PAULO	ESTADÃO
QUINTA-FEIRA (14/5)	Lava-Jato: Justiça determina bloqueio de R\$ 544 milhões de construtoras	Ex-deputados são denunciados por corrupção na Lava-Jato	Justiça bloqueia meio bilhão de reais de empreiteiras da Lava-Jato
SEXTA-FEIRA (15/5)	Petrobras tem lucro líquido de R\$ 5,3 bi no trimestre. Resultado veio acima do esperado	Petrobras lucra R\$ 5,33 bilhões no 1º tri, após perda bilionária em 2014	Petrobras tem lucro de R\$ 5,3 bilhões no primeiro trimestre
SÁBADO (16/5)	Roberto Jefferson deixa prisão e mantém silêncio sobre Lava-Jato	Mudança na aposentadoria vai causar novos aumentos de impostos, diz Levy	Roberto Jefferson deixa a prisão para cumprir resto da pena em casa
DOMINGO (17/5)	Em reunião com Dilma, Levy propõe corte com mais imposto	Ex-ministro é investigado no STF por suspeita de lavagem de dinheiro	Levy propõe nova alta de impostos para garantir ajuste fiscal
SEGUNDA-FEIRA (18/5)	Justiça aceita denúncia e quatro ex-deputados viram réus na Lava-Jato	Justiça torna réus 4 ex-deputados sob investigação na Lava-Jato	Justiça aceita denúncia e quatro ex-deputados viram réus na Lava-Jato
TERÇA-FEIRA (19/5)	Senado aprova indicação de Luiz Fachin para o STF	Senado aprova Luiz Edson Fachin para vaga no STF por 52 votos a 27	Aprovado no Senado, Luiz Fachin diz que vaga no STF é “concretização de uma trajetória”
QUARTA-FEIRA (20/5)	Onze senadores lançam manifesto contra ajuste	Petistas anunciam voto contra ajuste e criticam governo em manifesto	Senadores da base de Dilma anunciam voto contra o ajuste fiscal

**Tabela 1.** Título de notícias dos jornais O Globo, Folha de São Paulo e Estadão, de 14 a 20 de maio de 2015

Fonte: Elaboração própria

O tema “Operação Lava-Jato” coloniza diretamente os três periódicos na quinta (14/5) e segunda-feira (18/5), sendo inclusive mantidas, neste último dia, as organizações frasais. A operação que teve início em 17 de março de 2014 faz referência a um esquema de lavagem e desvio de dinheiro envolvendo a Petrobras, empreiteiras e políticos. A operação serviu como munição midiática nas campanhas do Partido da Social Democracia Brasileira (PSDB) contra o Partido dos Trabalhadores (PT), na disputa para presidência

da república do ano de 2014, especialmente em seu segundo turno. Prova disso pode ser verificada na capa “Eles sabiam de tudo” publicada pela revista *Veja*, da editora Abril (BONIN, 2015). Exaustivamente divulgada pela mídia, a perseverança no tratamento desses episódios parece estar associada a um processo ainda em andamento, como veremos em outras análises.

Nos títulos dos dois dias em questão, a ênfase é dada ao bloqueio das contas das empreiteiras e à denúncia aceita pela justiça contra os ex-deputados. Curiosamente, no dia 14 do mesmo mês, a força-tarefa do Ministério Público Federal havia conseguido recuperar e devolver 570 milhões de reais aos cofres públicos, desde que as investigações identificaram o esquema de corrupção. O periódico *El País*, por exemplo, preferiu destacar em sua primeira página: “Lava-Jato restitui mais de meio bilhão de reais de desvios da Petrobras” (2015). Embora a enunciação dos títulos dos três jornais em questão tenha sido vítima de um mecanismo de rejeição, torna-se evidente o contraste entre as duas perspectivas. A primeira, com efeitos de sentido negativo, relacionados à Petrobras; e a segunda, a de *El País*, com interpretação associada a uma espécie de fôlego e justiça.

Os enunciados que intitulam as notícias da sexta-feira (15/5), por sua vez, se insinuam na contramão da publicação anterior. Ainda articulados com a temática da estatal, os discursos registram o lucro de 5,33 milhões de reais obtidos pela Petrobras. Entretanto, os títulos apresentam ressalvas. A advertência é dada por *O Globo* e *Folha de São Paulo*. O primeiro periódico fala de um resultado “acima do esperado”, que pode ser justificado pela mobilização do interdiscurso. O enunciado ativa, por exemplo, a memória da Operação Lava-Jato, que naturalmente endividou a estatal. Mais enfática, a ressalva da *Folha* se utiliza da expressão “após perda bilionária em 2014” para lembrar o passado caótico. A tática parece almejar o não esquecimento de uma lembrança de desordem.

No sábado (16/5), os títulos são combinados em *O Globo* e *Estadão*: ambos tratam da liberdade de Roberto Jeferson, conhecido nacionalmente pelo mensalão – prática espúria de compra de votos na Câmara Federal – e pela corrupção dos Correios. Ato contínuo, em *O Globo* percebe-se discreta insistência para tratar da Operação Lava-Jato, quando diz que o ex-político “mantém silêncio” a respeito do acontecimento. Seria essa uma tática de ressuscitação do acontecimento ou mesmo uma manobra para que o fato ganhasse, mais uma vez, visibilidade e não fugisse da lembrança do seu público? Os dois sites rejeitaram ou secundarizaram o título escolhido pela *Folha de São Paulo* de mesma data, que tratou da mudança na aposentadoria e no aumento de impostos. No sábado, pela primeira vez, um dos periódicos apresentou divergência em sua temática quando comparado aos outros dois do mesmo dia. O contrassenso é visto somente pela discordância dos temas, mas é possível considerar o seguinte efeito de sentido (regular em todos os títulos):

o mensalão, a Lava-Jato e o aumento de impostos funcionando como práticas negativas do governo na gestão do PT.

Ajuste fiscal e corrupção dominaram a pauta do domingo (17/5). *O Estadão* trouxe em seu título a questão do ajuste e do aumento de impostos unidos em um único enunciado. O autor redigiu “Levy propõe nova alta de impostos para garantir ajuste fiscal”, mas negligenciou ou julgou desimportante o corte de 78 milhões nas contas do governo, estipulado pelo Ministro da Fazenda como outro instrumento do ajuste. *O Globo*, em contrapartida, ofereceu as duas manobras como pertinentes e incluiu na cabeça da sua notícia o aumento dos impostos e o corte de despesas. *A Folha de São Paulo* secundarizou o ajuste, preferindo tratar da corrupção a partir do caso do senador Edison Lobão (PMDB-MA), suspeito de lavar dinheiro e ocultar bens. Por coincidência ou não, o parlamentar é alvo também de inquérito instaurado pelo Supremo Tribunal Federal (STF) por suposto esquema de corrupção na Operação Lava-Jato. É perceptível um engajamento para tratar de uma crise de gestão, seja pela implementação de novas temáticas, seja pela mobilização de notícias que suplementam o tema da corrupção. Os títulos parecem realçar uma atmosfera hostil quando reincidem no tópico da corrupção.

Na terça-feira (19/5), os três sites têm os títulos das suas matérias principais colonizados pela nomeação de Luiz Edson Fachin para ocupar a vaga de Ministro do STF, tomando o cargo antes ocupado por Joaquim Barbosa. De acordo com a pertinência, uma matéria que também poderia ocupar o local de destaque do dia, nos três jornais, realça um acordo entre o Brasil e a China que envolveu US\$ 53 bilhões, sendo ao menos US\$ 7 bilhões com a Petrobras. Como podemos ver, a heterogeneidade dos títulos em questão é visivelmente ausente nessa data.

Notadamente, os títulos da quarta-feira (20/05) também se combinam, trazendo à tona um contrassenso: os senadores da base do executivo rejeitam uma proposta de natureza governamental. Tendo em vista os efeitos de sentidos gerados, a ideia de crise, amplamente divulgada nas datas anteriores por meio dos escândalos de corrupção e do ajuste fiscal, é reconduzida para dentro do partido da situação. A inferência de crise interna pode ser justificada se lançarmos luz sobre os membros de outros partidos (como foi o caso do PMDB, PDT, PRB e PSD) que votaram contra o ajuste e foram ausentados dos títulos.

## Considerações finais

Reducionistas e inconclusos como toda e qualquer análise, estes escritos apostaram em lançar luz sobre alguns procedimentos que permitem controlar e organizar os discursos em três jornais disponíveis no meio digital. Fundindo os procedimentos de

exclusão fundamentados por Michel Foucault e a teoria da *agenda-setting* trabalhada por McCombs e Shaw, nós tentamos comparar os três periódicos na elaboração de seus títulos e ainda associá-los às suas condições de produção.

Durante o exame, podemos dizer que o eixo político dominou o cenário da análise. Por parte dos periódicos, verificamos ainda a insistência em trabalhar a temática da Operação Lava-Jato, sendo, às vezes, retomada em títulos que tinham por objetivo abordar outro acontecimento. Tal tática de agendamento pode ser interpretada como uma tentativa de manter viva no cotidiano do seu público essa contenda.

O engajamento em tratar da lisura na política, isto é, da esfera da corrupção, aparece nas análises como uma vontade de verdade regular. E tratamos dela dentro dessa terminologia por entender que o assunto só pode ganhar tal estatuto por ser referenciado pelas instituições jurídicas, por meio do código penal ou da constituição federal e religiosa, através do mandamento “não furtarás” – que compõe o dispositivo.

Se de um lado a Operação Lava-Jato foi tema frequente, de outro, a semântica de alguns títulos só emergiu uma única vez. Provavelmente, sofreram rarefação nos dias seguintes na mídia e, por consequência, no seu público consumidor. Como diria Foucault (2011), “as regiões do discurso não estão todas igualmente abertas e penetráveis” – há espaços de ruptura e outros de constância e perenidade. É no mínimo o pesquisador o encarregado de denunciar essas fronteiras, essas plataformas ocultas ou obscuras que subjazem aos enunciados.

## Referências

- ASSAD, G. Lava-Jato restitui mais de meio bilhão de reais de desvios da Petrobras. *El País*, Madri, 14 maio 2015. Disponível em: <<http://bit.ly/2jYF937>>. Acesso em: 2 fev. 2017.
- BONIN, B. Dilma e Lula sabiam de tudo, diz Alberto Youssef. *Veja*, São Paulo, 23 out. 2017. Disponível em: <<http://abr.ai/2kJeG91>>. Acesso em: 18 jun. 2015.
- CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2010.
- FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012a.
- \_\_\_\_\_. Sobre a história da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 2012b.
- NIETZSCHE, F. *Além do bem e do mal*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- TRAQUINA, N. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Unisinos, 2001.